

NOS BASTIDORES DE PETER PAN

Elenco confessa-se ao Audiência

O Audiência espreitou os ensaios do musical infantil mais aguardado do ano e não perdeu a oportunidade de saber um pouco mais sobre a história do menino que não queria crescer. Venha connosco descobrir todos os segredos e entrar nesta viagem sem volta à Terra do Nunca.

“Estou a trabalhar muito no sentido de os por todos ao mesmo nível”

A directora de actores, Manuela Paulo, adiantou o diagnóstico da fase avançada de ensaios em que “Peter Pan” se encontra. Os actores estão já numa etapa de adequação às personagens cujo papel irão vestir mas, como nos explicou a também professora de expressão dramática e expressão cultural de Teatro Clássico, “nada se consegue sem muita exigência”.

Audiência - Como estão a correr os ensaios? Os actores estão a corresponder às exigências que o Peter Pan requer e estão adaptados aos papéis para os quais foram escolhidos?

Manuela Paulo - Sim, eles já foram escolhidos porque na altura fizemos uma pré-selecção de alguns actores com quem poderíamos trabalhar que encaixavam nos requisitos necessários. Depois passamos à segunda fase que foi encaixá-los nas personagens para as quais os queríamos. Nesta fase de trabalho é essencial termos já todo o trabalho de personagem levantado. É que estas são personagens que já existem pré-concebidas na cabeça de algumas crianças e não queremos que elas se distanciem muito disso. É obvio que fazemos a nossa própria adaptação mas, como era de esperar, estamos a um bom nível. A equipa é óptima. Tem uma coisa muito boa que é essencial no teatro:

a noção de inter-ajuda e a noção de grupo. E às vezes, muito mais do que ter um bom elenco e uma boa equipa profissional, é toda esta questão humana. Existem actores a vários níveis, actores e cantores de várias áreas diferentes, uns mais conhecidos do que outros. É engraçado que quando entramos em palco, isso não se nota. Fica tudo ao mesmo nível. Estou a trabalhar muito no sentido de os por todos ao mesmo nível. Eles aprendem uns com os outros. E como eu sou professora, estou sempre “em cima deles” nesse sentido. A minha área é essa. Mais do que dirigir, estou sempre a ensinar. Sou um bocado exigente porque, como actriz que sou, exijo de mim própria. Por isso, com eles exijo o dobro.

A - E como é preparar uma peça para crianças?

MP - Eu sou mãe, por isso a minha filha é a cobaia. Ela adora teatro e é muito fácil perguntar-lhe o que ela gosta. Confio muito nela. Quando soube que ia trabalhar na direcção criativa do “Peter Pan” documentei-me com tudo o que eram livros e filmes sobre o “Peter Pan” e vi com ela, para ver a reacção dela. Trabalhar para crianças é extremamente importante. Tanto do ponto de vista da direcção como da representação. As crianças são muito exigentes. Exigem toda a nossa energia. Tem que ser tudo ao pormenor, tudo muito limpo. Uma representação muito bem feita porque eles são muito

Manuela Paulo coordena os actores



Existem actores a vários níveis, actores e cantores de várias áreas diferentes, uns mais conhecidos do que outros. É engraçado que quando entramos em palco, isso não se nota.

exigentes! Se não gostam, não vêm, se não conseguem ouvir bem, não querem ouvir e se lhes apetece falar a meio, falam. É muito fácil, em dois segundos, perder a atenção deles. É por isso que eu trabalho muito em função do ritmo. Mas é extremamente gratificante educar as crianças pela via do teatro. Para mim é muito importante como mãe, como professora, como actriz, como pessoa. Porque estimular a imaginação é das coisas mais importantes que existem.

A - Não há uma expectativa ou uma ansiedade em relação àquilo que as crianças vão achar do “Peter Pan” e de todas as surpresas que ele guarda?

MP - Claro que há. Eles vão bloquear completamente quando virem a cena de voo. Essa vai ser a cena mais importante, como é óbvio. Mas tudo o resto eu já sei como vão reagir. Mas isto vai ser diferente todos os dias. Cada criança é diferente. É das formas mais difíceis de fazer teatro. Porque cada dia é um dia diferente.

“Tenho a certeza que vamos conseguir que as pessoas não queiram querer crescer e que queiram ficar crianças”

E porque o Audiência sabe que miúdos e graúdos estão ansiosos por desvendar os bastidores da peça de Natal mais aguardada de sempre, entrou nos bastidores de “Peter Pan” para conhecer mais a fundo as caras e as vidas que darão alma às personagens principais. Apesar da tenra idade, a maior parte dos jovens actores possui já um currículo invejável.

No papel de “Wendy”, Ana Gonçalves tem já alguma experiência em teatro, nomeadamente em peças infantis nas quais, em quase todas desempenhou papéis de “menina”. No pequeno ecrã, a jovem actriz participou já em algumas telenovelas e, actualmente, está em processo de gravações de uma nova produção. Paralelamente à carreira de actriz, Ana Gonçalves é, desde os 15 anos, cantora já com um CD editado. Na actualidade, trabalha com o cantor Marco Paulo. Desde cedo no mundo da música, Ana Rita Pinto interpreta o papel de “Slightly”, o mais novo



Ana Gonçalves, a Wendy

dos meninos perdidos. "Peter Pan" é, para a finalista do Ballet Teatro e bailarina da cantora Carla Maria, o primeiro projecto "a sério".

Recém-chegado de Barcelona, onde vive e onde fez carreira no mundo da música, o "Peter Pan" Camilo Reis possui já um grande repertório em vários anúncios e peças, das quais a mais conhecida é "Twelve". "Peter Pan" é, para o jovem, o "primeiro espectáculo de relevo em Portugal".

Também no papel de "Peter Pan" mas acumulando ainda a personagem "John", Bruno Veloso confessou estar a estreiar os palcos do teatro. Até agora acumula apenas experiência em televisão, com papéis nas séries "Diário de Sofia" e "Bando dos Quatro". Em contacto com a música desde os quatro anos, a "Wendy" Ana Rita Santos confessou, no entanto, estar a experimentar a primeira peça a nível profissional.

A - Como é que estão os ensaios? A tua personagem identifica-se contigo? Era desta personagem que estavas à espera?

Ana Gonçalves – Os ensaios estão a correr muito bem. Até agora ainda estávamos a fazer as coisas cena por cena, tudo com calma. Agora já estamos a juntar as cenas porque já estamos praticamente a duas semanas da estreia e está a ser muito cansativo, mas muito bom porque estamos a aprender muito uns com os outros e também com as pessoas que trabalham connosco. Nós já nos estamos a divertir, mas no palco vamos divertir-nos mais porque isto faz parte, não só do imaginário das crianças, mas de toda a gente e acho que as pessoas vão adorar. No meu caso, é um privilégio poder fazer de "Wendy".

Ana Rita Pinto – "Slightly" é o mais novo dos meninos perdidos, o último a chegar à Terra do Nunca e é o mais frágil porque ainda sente mais recordações da outra vida, dos pais e de tudo aquilo que aconteceu antes de ir para a Terra do Nunca. Este projecto acho que vai fazer a toda a gente recordar, imaginar e relembrar aquilo que um dia já foi feito há muito tempo. Porque o "Peter Pan" é uma história que toda a gente conhece desde novo. Embora esteja a ser representado de outra maneira, de uma forma mais actual, acho que vai ser um projecto que vai agradar não só aos meninos, mas aos pais e a toda a gente que vai ver.

Camilo Reis – O que nós pretendemos e o nosso desafio é levar, naquela 1h30/2h de espectáculo, toda a gente à Terra do Nunca, onde tudo é possível e as obrigações de ser adulto e tudo aquilo que ser adulto compõe (que é mau) não existe. No meu caso, fazer de um miúdo de 12 ou 14 anos, é fazer acreditar as pessoas. É uma personagem muito eléctrica, que vive muito as coisas. Ele acredita sempre que crescer não é o caminho a seguir e motiva as outras crianças a segui-lo. No nosso show, tenho a certeza que vamos conseguir que as pessoas não queiram querer crescer e que queiram ficar crianças.

A - Como é que é ter que esquecer que se é "adulto" para encarnar o papel de uma criança?

Bruno Veloso (Peter Pan e John) – No meu ponto de ver, é um bocado complicado. Eu não sou propriamente um adulto, mas também não sou uma criança. Colocar-me em teatro musical a tentar fazer de uma criança que não quer crescer e que tem medo de crescer, torna-se bastante complicado. Eu acho que ainda não encontrei forma de passar isso ao público e tenho que arranjar essa maneira o mais depressa possível.

A - Mas isso é difícil?

BV – No meu ponto de vista é um bocado.

A - Porquê? A personagem não tem que ter um pouco de vocês?

BV – Pelo menos até hoje, eu ainda não me encontrei. Por isso não sei. A personagem tem um pouco de mim...

CR – Mas muito pouco. O Peter Pan é reguila, é traquina e está constantemente a convencer as pessoas a não crescerem. É uma personagem muito eléctrica, muito criança e muito "saltitona". E nós temos que mudar completamente a nossa forma de ser. Temos alguma cosia do Peter Pan mas muito pouco.

BV – Eu concordo.

Ana Rita Santos (Wendy) – Realmente, esse foi um dos maiores desafios. A Wendy é uma rapariga de 14 anos e nós já não temos 14 anos. Para interpretar uma rapariga de 14 anos, como a Manuela Paulo nos dizia, temos que ir buscar uma memória afectiva que nos ajude a recordar uma coisa que já tenhamos vivido, que nos



Ana Rita Santos, Ana Gonçalves e Teresa Rolla afinam as vozes



Bruno Veloso, Peter Pan e John



Camilo Reis - o Peter Pan

O que nós pretendemos e o nosso desafio é levar, naquela 1h30/2h de espectáculo, toda a gente à Terra do Nunca, onde tudo é possível

faça sofrer quando é uma cena em que temos que sofrer. Depois, no palco, já vai ser tudo automático.

A - Da forma como falam dá a entender que vos custa fazer o papel de quem não quer crescer. Vocês não gostariam de ter ficado eternamente crianças?

CR – Não é isso. Naturalmente, a nossa orientação é crescer. E aqui no "Peter Pan" é exactamente o contrário. Então, acaba por ser uma contradição para nós,

representar este papel.

AG – Mas por isso é que é tão interessante. Eu acho que o segredo e, neste caso, a beleza de se ser actor é precisamente a de, aqui, podermos fazer aquilo que na vida real não podemos. Podemos ser aquilo que na vida real não somos.

A - Podem fingir...

AG – Mas aí é que está! Não é fingir. Nós temos que acreditar que somos a "Wendy" e o "Peter Pan". Temos que acreditar para

realmente passar essa imagem. Senão, vamos ser sempre a Ana Gonçalves ou o Camilo a fingir que somos alguém. Todo o processo de ensaio e o processo de construção de personagem, de interiorizar e de começar a viver a nossa personagem: os gestos, a voz, como ela vive, como se movimenta. Essa é a magia de ser actor.

A - Esta pergunta é para as personagens que vão voar. Os "Peter Pans" e as "Wendys". Qual vai ser a sensação de andar pelo ar?

AG – Eu estou ansiosíssima. Mas, ao mesmo tempo, com um pouco de receio. Não da equipa técnica que é fantástica e são todos profissionais e confio neles, mas por mim. Porque eu sou um bocado despistada. A voar, se alguma coisa acontecer, será mais grave. Mas eu confio sobretudo na equipa que está a trabalhar connosco. A partir daí, é deixar-me voar pelo "Peter Pan" que nos vai guiar.

CR – Pegando nas palavras da Ana, a equipa técnica é muito boa. É a maior empresa do mundo neste sector e transmite-nos muita segurança, estamos muito contentes com isso. Mas, de todas as personagens que vão voar, o "Peter Pan" vai ser o que vai fazer mais acrobacias. Ele não sobe apenas. Ele vai voar, rebolar e isto provoca-nos um pouco de medo. Por outro lado, eu adoro desportos radicais e tenho a certeza que isto vai ser um novo capítulo de "desportos radicais". Estou ansioso!

BV – Eu estou com um bocadinho de receio porque tenho vertigens. E saber que tenho que voar, ainda não sei a altura, sei que vou estar bem seguro mas estou com um bocado de receio, mesmo só pelas vertigens. Com os ensaios e com um bocadinho de esforço hei-de ultrapassar isso. Vou ter que meter na minha cabeça que eu não vou cair de certeza porque estou bem seguro.

ARS – Eu acho que temos que confiar na empresa. Estou ansiosa mas também com um pouco de receio. Há sempre aquela impressão na barriga. Mas não podemos ter receio. É treinar, treinar e treinar. Vamos ter bastante tempo com eles para ensaiar tudo ao mínimo pormenor e para ganhar confiança porque depois, a partir daí, é só mesmo imaginar que estamos mesmo a voar, e vamos voar com certeza.

“As más personagens são muito boas de se fazer porque nós exorcizamos os nossos demónios”

Mas se os cinco anteriores actores poderão ser “caras novas” para a maioria dos espectadores, talvez o mesmo não venha a acontecer com “Mister Darling”, “Capitão Gancho” e a índia “Tigrinha”.

Nome conhecido da música portuguesa (pela integração na boysband “D’Arrasar”), Jorge Kapinha, não estranha os palcos do teatro em Portugal. Apesar de a televisão ter sido o palco de estreia do cantor e actor que marcou presença na série “Morangos com Açúcar”, a participação na peça “Apanhados no Acto” do ano passado marcou a estreia do actor no Teatro. “Peter Pan” será, para o artista, a grande oportunidade de dar azo à carreira de cantor a solo.

“Tigrinha”, a filha do chefe índio, será encarnada por Teresa Rolla que alguns conhecerão da novela “Morangos com Açúcar”, onde personificou a vilã “Tânia”. A actriz confessou ter uma certa “fobia” ao palco, mas ao mesmo tempo mostrou-se empolgada e ansiosa por desempenhar este novo desafio. A popularidade inquestionável dos jovens actores ficou comprovada no dia em que o Audiência assistiu aos ensaios, perante a “invasão” de jovens que requisitavam autógrafos.

A - Sabendo que ambos têm experiência no campo televisivo, como é encantar o Teatro?

Jorge Kapinha – O convite para fazer o musical que, para além de ser muito lisonjeante, é um grande desafio porque, embora os “D’Arrasar” não tenham propriamente terminado, nós não fazemos alguma coisa há uns dois ou três anos e eu nunca desenvolvi a minha carreira a solo como cantor. Há aqui um desafio porque é a primeira vez que eu canto sem os meus “quatro irmãos”.

Teresa Rolla – Assim como para mim fazer os “Morangos com Açúcar” foi uma experiência nova e única que eu nunca esperaria fazer, isto é mais uma dessas coisas. À parte de eu ter uma fobia gigante a palcos e a pessoas. Porque em televisão é tudo muito giro, não se vê ninguém. Ou por outra, tudo

o que está à nossa volta é parte do nosso dia-a-dia. São pessoas que conhecemos e que estão ali para nos ajudar e fazer o mesmo trabalho connosco. Em teatro não é nada disso. Vamos estar à frente de 700 pessoas. E isso é o mais empolgante disto. Não piso um palco desde a quarta classe e estou a ficar cheia de borboletas no estômago. Mas ultrapassar isto é que é o desafio.

A - Como é que vocês esperam que as crianças reajam ao Peter Pan?

TR – Eu acho que as crianças vão reagir muito bem. Os miúdos são a coisa mais natural do mundo. Sai-lhes tudo e eles não pensam porque é que dizem o que dizem. Eles são autênticos e são verdadeiros. São muito mais sinceros do que os adultos, por isso as críticas vão ser sinceras.

JK – Sem dúvida que as crianças, como a Teresa disse, são o público mais genuíno porque são “what you see is what you get” e são muito exigentes. Porque estão muito por dentro dos contos infantis que vêm vezes repetidas. Realmente é um público muito exigente, o que faz com que seja mais difícil porque tem que ser tudo milimétrico, mas também é muito entusiasta.

A - Como é que está a ser encarnar a vossa personagem?

JK – Eu encarno duas personagens: o pai das crianças que é o “Mister Darling” que é uma personagem muito fácil porque, basicamente, não há grande ciência. É um pai de família. É fácil de encontrar o trilha da personagem. O “Capitão Gancho” é muito mais difícil. É o mau da fita. Por outro lado, as más personagens são muito boas de se fazer porque nós exorcizamos os nossos demónios.

TR – Tudo o que não se pode dizer na via real pode-se dizer, tudo o que na vida real não se pode fazer pode-se fazer. É a coisa mais gira.

JK – Sim, mas depois cá fora é terrível, porque as pessoas olham para nós desconfiadas.

A - Vocês não têm receio des-

Jorge Kapinha,
capitão Gancho



O “Capitão Gancho” é uma personagem bipolar. Tanto é mau como é muito sensível. Isto foi treinado com a encenadora, muito na base do “Piratas das Caraíbas”. Eu acho que vem daí a minha inspiração.

personagem bipolar. Ainda que seja uma personagem diferente de mim em todo os níveis, na maneira de falar, de entoar e no timbre de voz, ele tem uma bipolaridade. Ele tanto é mau como é muito sensível. Isto foi treinado com a encenadora, muito na base do “Piratas das Caraíbas”. Eu acho que vem daí a minha inspiração.

A - E a imagem também é baseada no Johnny Depp?

JK – Bem, era uma grande lisonja se eu me parecesse com o Johnny Depp. Por acaso, vou ser muito honesto. Eu vi todos os filmes de “Peter Pan”. Um deles mandei vir de Londres e, na capa desse, o “Capitão Gancho” é um dos que eu vi até hoje com mais “glamour”. É mau, mas com um certo charme. Sim, tem uma influência de Johnny Depp e do “Peter Pan” de 2003 e acho que vai ser bem conseguido.

A - É que o Peter Pan é um musical. Como é que está a ser representar e cantar ao mesmo tempo?

TR – Eu quando aceitei este musical disse que não me sentia bem a cantar e não sinto. Porque acho que não é uma coisa que eu domine. Não é orgânico em mim. Por isso, é mais um desafio, dentro de todos os desafios que esta peça é para mim. Eu não sei cantar. E vou ter que cantar e vou ter que estar bem. Mas temos tido ajuda para que façamos bem e para nos sentirmos confiantes.

JK – Há que trabalhar, há que estarmos à altura do projecto. Eu e a Teresa e os outros actores, quando chegamos aqui, estipulamos o nosso objectivo e vamos alcançá-lo, disso não há nenhuma dúvida. Estamos a trabalhar com grandes profissionais. Portanto, temos que trabalhar, porque na vida nada se faz sem trabalho. Estamos aqui para isso.

se preconceito que as pessoas criam em torno das personagens vilãs?

TR – Não, eu até adorava que as pessoas me detestassem porque queria dizer que acreditavam naquilo. As pessoas insultavam-me e isso era lindo. E as crianças são genuínas naquilo que dizem e eu vou acreditar quando me disserem que sou “horrível”.

A - Mas a “Tigrinha” também é má?

TR – Não. Aqui é o contrário. A “Tigrinha” é uma personagem normal, mas tem um dialecto muito especial. Diz poucas palavras e diz tudo em poucas palavras. A parte mais difícil é que a única referência que temos das personagens é uma banda-desenhada e a questão é, como é que se faz uma banda-desenhada em cima de um palco? Mas agora a personagem já está encaminhada. A “Tigrinha” já se está a formar.

JK – O “Capitão Gancho” é uma



Teresa Rolla
- Tigrinha